



Notas sobre o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte

Notes about the Psychology Laboratory of the Improvement School of Belo Horizonte

Ernani Henrique Fazzi
Bernardo Jefferson de Oliveira
Sérgio Dias Cirino
Universidade Federal de Minas Gerais
Brasil

Resumo

Apresentamos algumas considerações históricas sobre o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte (1929-1946), instituição criada durante o governo de Antônio Carlos de Andrada, como parte de um projeto de reforma do ensino mineiro. Além de seu papel na complementação das aulas expositivas, no laboratório da escola foram realizados diversos estudos sobre a população do Estado. Entre os personagens desta trama, destaca-se Helena Antipoff, que foi a responsável pela organização do Laboratório e pela direção de suas atividades. Para complementá-las, ela criou algumas instituições destinadas a amparar aquelas crianças que eram prejudicadas pelos processos de classificação e agrupamento então empregados. Essas outras instituições receberam laboratórios próprios que engendraram uma cadeia funcionalmente articulada. Inspirados no modelo de análise genealógica de Michel Foucault, buscamos evidenciar uma parcela da rede de "saberes/poderes" que perpassou o Laboratório e modelou a feição de suas produções.

Palavras-chave: laboratório de psicologia; Escola de Aperfeiçoamento; Helena Antipoff

Abstract

We present some historical considerations about the Psychology Laboratory of the Improvement School of Belo Horizonte (1929-1946), which was created during Antonio Carlos de Andrada's government, as part of an education reform project in Minas Gerais. Beyond its role in expositive classes, several studies on the State population were accomplished within it. Among this plot's characters Helena Antipoff stands out. She was responsible for the Laboratory organization and direction of its activities. In order to complement such activities, she created some institutions designated to support those children who were harmed by classification and grouping processes applied then. Such institutions received their own laboratories which created a well articulated chain. Inspired by Michel Foucault genealogic analysis model, we seek to show part of the "knowledge/power" net which spanned the Laboratory and modeled its production features.

Keywords: psychology laboratory; Improvement School; Helena Antipoff

No ano de 1929, iniciou-se, na cidade de Belo Horizonte, um curso de qualificação para professores primários. Ministrado na Escola de Aperfeiçoamento, esse curso dispunha de um Laboratório de Psicologia Experimental construído de acordo com os modelos vigentes na época e, nesse Laboratório, foram realizadas investigações sobre vários temas, como: inteligência, ideais e interesses das crianças, a relação entre o meio social e a aprendizagem, vocabulário, orientação e seleção profissional, homogeneização de classes escolares, tipos de personalidade,



memória, motricidade, fadiga, julgamento moral, além da adaptação e criação de numerosos testes para medidas psicológicas e verificação do rendimento escolar. Esse Laboratório foi desativado em 1946 e pouco se sabe das razões envolvidas em tal o caso. Em 1953, um incêndio destruiu os arquivos da extinta Escola de Aperfeiçoamento, apagando grande parte dessa memória.

Fazzi (2005) procurou reconstruir a história desse Laboratório no contexto científico e social da época, resgatando a função que ele exercia a partir de alguns elementos que "sobreviveram" ao incêndio: publicações do Laboratório, manuscritos, fotos, artigos de jornais, biografias, entrevistas, livros, teses, boletins etc. Oferecemos aqui um relato conciso dessa versão histórica, objetivando apresentar aquele que é considerado um dos primeiros laboratórios de psicologia do Brasil.

Nosso relato foi inspirado no modelo de análise genealógica de Michel Foucault, que consiste numa investigação sobre como os jogos de poder participam da produção de saberes. Sobre a palavra "poder" cabe um pequeno esclarecimento, pois se a utilizarmos sem explicitar seu sentido técnico, corremos o risco de induzir a vários mal-entendidos a respeito de sua identidade, forma e unidade (Foucault, 1976/2001). Na genealogia, esse termo recebe uma conotação distinta daquela oferecida pela linguagem coloquial. O poder não é considerado apenas coercitivo e deletério, mas edificador. As ações que rotulamos como éticas são, nessa perspectiva, produzidas pelo poder, que também deixa de ser considerado uma propriedade exclusiva de poucos, e, em especial, do Estado, mostrando-se disperso nas mais diversas práticas da vida social.

A criação da Escola de Aperfeiçoamento

Em 1929, quando o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento começou a funcionar, Minas Gerais estava em pleno Governo de Antônio Carlos Ribeiro de Andrada, num momento que pode ser considerado o ápice da implantação de uma reforma do ensino que ganhava maiores proporções desde 1927. Antônio Carlos foi eleito para a Presidência do Estado, sem concorrente, no dia 7 de setembro de 1926, permanecendo no cargo até 1930, quando, então, concorreria à Presidência da República. Para conduzir um projeto de reforma do ensino, ele nomeou Francisco Luís da Silva Campos, que ocupou, até 1930, a Secretaria do Interior, pasta responsável pelas questões educacionais, e que, mais tarde, como ministro do governo de Getúlio Vargas, tornou-se um dos principais articuladores de uma profunda reformulação do sistema educacional no país. Naquele momento, as iniciativas tomadas conjugavam a renovação do ensino primário com a reorientação na formação de professores, elaboração de manuais e revistas, realização de congressos e conferências, oferta de cursos, envio de professores brasileiros para o exterior e contratação de professores estrangeiros. A renovação do ensino primário dependia, dentre outras coisas, da preparação dos professores, ou seja, da qualidade dos cursos normais que formavam tais professores que seriam diretamente responsáveis pela educação das crianças.

Para alavancar o processo de aperfeiçoamento de professores, foi criada uma escola de nome bastante sugestivo: Escola de Aperfeiçoamento. A Escola, que dificilmente poderia ser montada num curto espaço de tempo, só começou a funcionar em 1929 – penúltimo ano da administração de Antônio Carlos – no prédio da Escola Maternal, que havia sido criada em 1925, e que se situava à Avenida Paraopeba, hoje Avenida Augusto de Lima, na região central de Belo Horizonte. Posteriormente, a Escola de Aperfeiçoamento foi transferida para outro prédio na mesma avenida: o atual Minascentro.

Conforme noticiou a imprensa da época, a inauguração da Escola de Aperfeiçoamento "vem fechar a série de altos empreendimentos da actual administração, relativos ao ensino" (Escola de Aperfeiçoamento, 1929, p. 11). E para que esse fechamento se desse com êxito, foi preciso equipar a Escola com o que houvesse de mais moderno nas tendências educacionais, tais como um



Laboratório de Psicologia Experimental. Naquele período, a interação da psicologia com a pedagogia foi aquecida pela propagação das idéias escolanovistas, que pretendiam reformular o antigo sistema de ensino, estigmatizado pela posição autoritária dos professores e por métodos que enfatizavam a repetição (decorar sentenças, por exemplo) em detrimento da compreensão. Vale observar que os campos da psicologia e da pedagogia ganhavam mutuamente força e legitimidade com tal interação. Enquanto a psicologia, sobretudo a nova psicologia experimental, dava cientificidade às medidas educacionais, sua utilidade no terreno educacional ajudava sua consolidação como ciência e sua institucionalização. Fundamentos psicológicos e sociológicos estavam na base das idéias e propostas do movimento escolanovista que inspirava as reformas educacionais de Francisco Campos.

Ainda que a reforma concernente à fundação da Escola de Aperfeiçoamento não determinasse o conteúdo das matérias a serem lecionadas, ela assinalava a psicologia experimental como a única disciplina de "psicologia" do curso. Nesse contexto, o adjetivo "experimental" revela uma perspectiva que toma como necessários os modelos laboratoriais para a formação das normalistas, "pois é o único caminho ou, pelo menos, o caminho mais eficaz e o que garante o progresso: o método experimental" (H. Antipoff, 1935/1992a, p. 262). Nesta perspectiva, para o progresso, não bastava teorizar sobre a experimentação. Era preciso vivenciá-la naquele que é seu ambiente prototípico – o laboratório –, porque

essa vontade de verdade, como os outros sistemas de exclusão, apóia-se sobre um suporte institucional: é, ao mesmo tempo, reforçada e reconduzida por todo um compacto conjunto de práticas como a pedagogia, é claro, como o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, como as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje (Foucault, 1971/1996, p. 17).

Assim, o Decreto n. 8.987, de 22 de fevereiro de 1929, que aprova o regulamento da Escola de Aperfeiçoamento, estabelece em seu artigo 5º que:

A Escola de Aperfeiçoamento terá: um director, um professor de pedologia e psychologia experimental, dois de desenho e modelagem, dois de methodologia, um de educação physica.

O director da Escola será professor de legislação escolar de Minas e noções de direito constitucional (Decreto n. 8.987, 1929, p. 1).

Na verdade, havia uma cadeira, composta por duas matérias, denominada "pedologia e psychologia experimental". A pedologia seria ministrada no primeiro período do curso, enquanto a psicologia experimental seria ministrada no segundo. Para assumir essa cadeira e a direção dos trabalhos do Laboratório, o governo convidou a psicóloga russa Helena Wladimirna Antipoff (1892-1974), que acabou por se tornar uma referência fundamental na história da psicologia no Brasil. Helena Antipoff havia estudado no Laboratório Binet-Simon e no Instituto Jean Jacques Rousseau, e tinha contato estreito com Édouard Claparède, o que dava peso a suas idéias e iniciativas (1).

A configuração inicial do Laboratório de Psicologia

Entre as raras fontes que trazem detalhes sobre o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento, destaca-se uma que foi publicada, em três partes complementares, no jornal Minas Geraes dos dias 11, 12 e 14 de dezembro de 1929. Trata-se de uma reportagem (Exposição de trabalhos, 1929a, 1929b, 1929c), cujo autor não foi especificado, e que relata sua visita a uma mostra de trabalhos da Escola de Aperfeiçoamento. Ele descreveu minuciosamente o que encontrou, fornecendo aos leitores uma imagem do que a Escola possuía e do que produziam



os cursos lá ministrados. No caso da psicologia, havia um departamento dividido em três instâncias: a) o Laboratório, identificado com um conjunto de aparelhos organizados numa sala, b) outra sala, que não recebeu nenhum nome específico, e que continha material referente a testes, e c) o Museu da Criança, que seria uma espécie de banco de dados levantados pelas alunas/pesquisadoras e disponibilizados para outros pesquisadores.

De acordo com o relato jornalístico, o Laboratório de Psicologia estava disposto da seguinte forma:

Na primeira sala, vamos encontrar os aparelhos, muitos delles delicados e de grande precisão, que constituem o laboratorio de psychologia e se distribuem em três secções: psychophysica, psychodynamica e psychochronometria. Observamos, na primeira secção: uma série de peças para avaliação da sensibilidade discriminativa dos pesos; o tonometro de Hornbostel, para medir a acuidade auditiva musical; o compasso de Sperman, os cartões de Binet, que nos permitem a medida da sensibilidade tactil; o pressiometro, que nos elucida sobre a sensibilidade Kinesthesica; os discos rotativos e as lãs de Holmgren para a verificação do daltonismo; o Kinematometro de Heumann, registrador da precisão dos movimentos, etc. Na segunda secção: o dynamometro de Collin, que mede a força muscular; o ergographo a mão, destinado a registrar a fadiga e o trabalho muscular. Finalmente, na terceira: o chronoscopio d'Arsonval, que nos inteira sobre o tempo de reacção; o Kimographo de Ludvig, de funcção registradora, e o tachiscopio, para pesquisas relativas á attenção (Exposição de trabalhos, 1929c).

Os testes, traduzidos e adaptados à realidade brasileira, ficavam numa sala à parte. Dentre eles, o autor destacou os de "Goodenough", "Dearborn", "Alice Descœudres" e "Binet-Simon", além daquilo que chamou de "documentação nossa"; uma provável alusão a alguns resultados colhidos, assim como a questionários e recursos do gênero elaborados pelas próprias alunas da Escola de Aperfeiçoamento. Portanto, o departamento de psicologia incluía o Laboratório, o Museu da Criança e a tal sala de testes, cujos propósitos eram complementares. O Museu da Criança, fundado por Helena Antipoff em outubro de 1929, seria um "centro de pesquisa relativo à criança, um centro pedagógico" (H. Antipoff, 1930/1982, p. 63), contendo um banco de dados referente às principais pesquisas disponíveis sobre a criança brasileira e servindo, em especial, às "futuras" ex-alunas da Escola de Aperfeiçoamento, para que elas pudessem receber, ali, as direções necessárias para a continuidade de seus trabalhos. Isto pode, em nosso ver, ser considerado como uma estratégia de manutenção do vínculo estabelecido ao longo da formação. O Museu ficaria incumbido de armazenar informações acerca da criança brasileira, que embasariam os trabalhos do Laboratório. Por outro lado, os resultados de tais trabalhos realizados no Laboratório seriam coligidos no Museu.

No decorrer dos anos, os termos referentes a essas três subdivisões do departamento de psicologia não foram empregados de forma rígida. Encontramos em algumas fontes, por exemplo, a palavra "laboratório" representando todo o



“departamento” ou ligada a práticas que, inicialmente, pareciam ser de responsabilidade daquela sala destinada à aplicação de testes psicológicos.

Retomando a exposição de trabalhos da Escola de Aperfeiçoamento, cabe citar um fato pitoresco: ao falar sobre a documentação contida na sala de testes, que informava sobre a realidade brasileira, o jornalista ressaltou com entusiasmo os resultados de um inquérito dirigido às crianças da cidade. O que ele não poderia prever é que esta investigação, publicada em forma de artigo no ano seguinte (H. Antipoff, 1930/1992b), desagradaria profundamente alguns representantes da Igreja Católica. Os “ideais e interesses das crianças de Belo Horizonte” trouxeram a informação de que as crianças avaliadas tinham pouco gosto por questões religiosas. Esse foi o estopim de uma querela que marcou a história do Laboratório e de sua diretora. O padre Alvaro de Albuquerque Negromonte, vigário da Igreja da Boa Viagem, tomou conhecimento do fato, e com sua “penna, sempre pronta para a defesa dos sacratíssimos interesses da Igreja e da Pátria” (Pe A. Negromonte, 1930), dirigiu violentos ataques à pessoa de Helena Antipoff, muito mais que à pesquisa por ela conduzida. Ele ficou indignado com as afirmações presentes nos “ideais”, considerando-as típicas de uma pessoa com ideologia comunista e que combatia a religião católica professada no Brasil (Ullmann, 1991). Assim, associou os resultados da publicação à origem russa de Helena Antipoff, dando forças a uma reivindicação da Igreja de que “querer-se o Brasil sem o Catholicismo é querer-se um Brasil que não é brasileiro” (Negromonte, 1930, p. 1).

O incentivo aos testes psicológicos

O Decreto n. 9.653, de 30 de agosto de 1930, publicado nos últimos dias do mandato de Antônio Carlos, destoa de sua postura liberal e dos investimentos que sua administração fez para a montagem do Laboratório. O que ele traz de diferente em relação ao decreto anterior, de 1929, é a explicitação de um sistema de controle sobre as práticas educacionais e, em especial, sobre a pesquisa na Escola de aperfeiçoamento (Decreto n. 9.653, 1930). Podemos apontar o sentido desse novo decreto em poucas palavras: qualquer proposta de investigação deveria, primeiramente, ser aprovada em reunião de professores e pelo diretor. Foi o acréscimo deste mecanismo legal de controle que fez a diferença, pois os professores perderam uma parcela da liberdade necessária para “experimental” e precisaram agir de acordo com demandas educacionais bem definidas, pelo que era aprovado em primeira instância por seus superiores. Esse processo de restrição da pesquisa na Escola de Aperfeiçoamento tomou fôlego no ano seguinte, reforçando a suspeita de que o decreto estava em sintonia com um rearranjo de forças, do qual as negociações para fortalecimento da candidatura de Antonio Carlos à Presidência da República era um dos componentes.

O Laboratório de Psicologia voltou-se para a aplicação de testes nas crianças da rede escolar mineira, a fim de agrupá-las em níveis aproximados de condições físicas e mentais nas chamadas classes homogêneas. Quanto àqueles diversos “instrumentos de latão” importados pelo governo mineiro, eles, em raríssimas vezes, são mencionados nas fontes que consultamos. Em compensação, sempre presentes estiveram os testes, geralmente conjugados por lápis e papel. Essa demanda para usar testes e separar crianças em classes homogêneas é anterior à criação da Escola de Aperfeiçoamento. Campos (1989) informa que o regulamento do ensino primário, elaborado por Francisco Campos em 1927, prescrevia o estabelecimento de classes especiais para as crianças consideradas “retardadas”. Contudo, esse procedimento somente começou a ser concretizado a partir do primeiro experimento de homogeneização de classes, que Theodore Simon realizou em dois grupos escolares no ano de 1929. Se a demanda por homogeneização de classes estava presente na reforma do ensino que Francisco Campos formulou durante o governo de Antônio Carlos, não é de se estranhar que ela venha reaparecer mais tarde nos empreendimentos educacionais do Governo Vargas, do



qual Campos se tornou peça fundamental. Nesse sentido, Antipoff devia preparar outras professoras para a correta utilização dos testes. Um contrato assinado no dia 23 de novembro de 1932 serve de exemplo. Sua primeira cláusula salienta que

M^{me} Antipoff é contratada na qualidade de professora de psicologia e, especialmente, de psicologia experimental e de psicologia da criança, na Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte, e se obriga especialmente a submeter os alunos das escolas primárias a provas psicológicas, tendo por escopo a graduação dos testes, assim como por o pessoal docente ao corrente da técnica psicológica (Termo de contrato, 1932)

Assim, o Laboratório de Psicologia Experimental foi montado, com grande investimento do governo do Estado, que comprou todos os aparelhos necessários; funcionou cerca de um ano e meio sob um regulamento que dava aos professores maior liberdade de ação e foi posteriormente submetido a mecanismos de controle e destinado à aplicação de testes psicológicos. Estes eram os recursos mais modernos disponíveis para conhecer as características mentais das crianças (Lourenço, 2001a). O que se fazia na Escola de Aperfeiçoamento estava em sintonia com os avanços no campo da psicologia científica no cenário internacional, os quais Francisco Campos acompanhava. Na época, discutia-se a possibilidade de conhecer os temperamentos humanos sem a necessidade do aparelhamento dos laboratórios de psicologia (Cesar, 1929). Quando o Laboratório da Escola de Aperfeiçoamento foi montado, a psicologia, enquanto ciência recente, trilhava um distanciamento de outras áreas do conhecimento com as quais estivera intimamente entrelaçada, como a filosofia, e fortalecia sua autonomia se apropriando de modelos de investigação mais objetivos, inspirando-se em ciências mais consolidadas como a fisiologia. Essa fase de transição, de elaboração de novos recursos como os testes psicológicos, também marcou o contexto de criação do Laboratório, quando sua identidade e sua função estavam sendo definidas.

Enquanto o departamento de psicologia colaborava com o projeto de homogeneização de classes escolares e utilizava essa prestação de serviços como uma forma de colher dados de pesquisa através dos testes aplicados, foram diagnosticados alguns problemas que possivelmente não poderiam ser enfrentados no interior da Escola de Aperfeiçoamento.

Vínculos e a propagação dos laboratórios

A tentativa de melhorar a qualidade do ensino através da homogeneização das classes escolares logo começou a produzir efeitos colaterais, uma vez que os professores dispunham de poucos recursos para lidar com aqueles que se mostravam distantes da média de inteligência. Ao mesmo tempo em que percebia tais disparidades, pois participava da avaliação das crianças, Helena Antipoff sentia-se limitada para agir a partir da Escola de Aperfeiçoamento. Para oferecer maior auxílio aos necessitados, seria imprescindível que ela buscasse espaços que trouxessem maior autonomia; espaços que permitissem a descoberta de novas formas de amparar aqueles que eram rotulados de "retardados". Foi assim que, inicialmente,

A própria Helena Antipoff percebeu que a escola pública e a Escola de Aperfeiçoamento pouco vinham conseguindo fazer pela infância excepcional e em 1932 criou a Sociedade Pestalozzi de Belo Horizonte. Esta foi uma alternativa para angariar a assistência necessária à complementação do treinamento das professoras no ensino do excepcional, do



diagnóstico psicológico e do atendimento clínico oferecidos no Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico (Lourenço, 2001b, p. 51-52).

A Sociedade Pestalozzi foi fundada no Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento (Lima, 1983). Na ocasião, Helena Antipoff convidou o padre Álvaro Negromonte, que assumiu a vice-presidência da Sociedade, transformando, assim, em aliado, aquele que muito a atacou. Se a Sociedade Pestalozzi, "cuja finalidade é, entre outras, amparar a criança abandonada ou desviada dos caminhos próprios da infância" (H. Antipoff, 1934/1992c, p. 119), surgiu de uma necessidade prática, seus desdobramentos conduziram a complementos do ponto de vista experimental, ou seja, Helena Antipoff pôde conduzir, naquele espaço, algumas investigações que possivelmente – em função do decreto de 30 de agosto de 1930 – foram restringidas na Escola de Aperfeiçoamento.

A partir do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento nasceram outros laboratórios e outras escolas que auxiliaram no treinamento de professores. Todas essas criações foram marcadas por confrontos, impasses e conciliações. Por exemplo, com a mobilização de importantes personalidades mineiras, Antipoff conseguiu que fosse construído um pequeno pavilhão localizado à Rua Ouro Preto 624, que foi inaugurado em 28 de outubro de 1934, onde foi instalada uma Escola Ativa – o Instituto Pestalozzi – para educação de crianças excepcionais e desamparadas. Agregado à escola, funcionava um laboratório de análises clínicas, um consultório médico pedagógico e algumas oficinas de trabalho (Guimarães, 1988). As ex-alunas da Escola de Aperfeiçoamento foram as principais colaboradoras daqueles empreendimentos. Além do prestígio de que gozavam em função da obtenção do diploma da referida Escola, elas conquistaram, juntamente com Antipoff, um maior destaque na sociedade política e intelectual. O Laboratório da Escola de Aperfeiçoamento forneceu a mão-de-obra especializada para que instituições semelhantes pudessem funcionar. Posteriormente, disseminaram-se, por outros Estados, novos centros regionais da Pestalozzi coordenados por ex-alunas da Escola de Aperfeiçoamento.

A rede laboratorial envolvia outras práticas e atividades que merecem ser consideradas. Helena Antipoff criava ratos albinos – em caixotes – nos fundos de sua casa, em Belo Horizonte, e, também, construía modestos aparelhos (Veloso, 1972). As pesquisas que utilizavam os ratos como sujeitos iam além dos períodos letivos, já que nas férias ela realizava experiências sobre aprendizagem no que parecia ser um laboratório próprio, um tanto quanto rústico. Em algumas das pesquisas, registrava e cronometrava o comportamento daqueles animais em labirintos.

O Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento conduziu Antipoff ao planejamento de outras obras (Guimarães, 1991). Dele surgiu a Sociedade Pestalozzi, cujos desdobramentos transformaram os empreendimentos de Antipoff numa complexa rede, que se ampliou com a fundação da Fazenda do Rosário, por ela considerada sua mais importante obra (Magalhães, 1983). Localizada no município de Ibitaré, um dos principais objetivos dessa fazenda-escola era o de educar crianças excepcionais e/ou abandonadas, através de métodos da Escola Ativa. Cabe ressaltar que o padre Negromonte também esteve ao lado de Antipoff no momento em que foi identificado o terreno onde seria plantado o novo empreendimento (Lima, 1983). Com o auxílio de pessoas influentes na sociedade, ela "fez da Fazenda o seu laboratório" (Tibo, 1992, p. 44).

Não somente a Fazenda do Rosário como um todo se transformou num laboratório, mas também recebeu um laboratório próprio, chamado de laboratório "Édouard Claparède". Há indícios de que foi o segundo laboratório por ela criado no Brasil (D. Antipoff, 1985). Não foram encontradas fontes que comprovassem tal fato, pois poderia ser o da Sociedade Pestalozzi, aquele nos fundos de sua casa, etc. Certo é



que a rede laboratorial foi tomando maiores proporções. E esse crescimento trouxe um efeito evanescente sobre o nome do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento. Em outras palavras, os trabalhos realizados na Escola de Aperfeiçoamento cederam seu lugar de destaque para os novos laboratórios identificados por seu caráter assistencial. O Laboratório Édouard Claparède era de tal forma identificado com a pessoa de sua criadora que era chamado de "O Laboratório de Dona Helena" – cf. Alkmim (1980) e Carneiro (1980). Outras ações, prêmios e condecorações contribuíram para reforçar na historiografia o protagonismo de Antipoff (Campos e Lourenço, 2001).

Uma memória consumida pelas chamuscas

Por volta de seu décimo sétimo aniversário, o Laboratório de Psicologia foi extinto juntamente com a Escola de Aperfeiçoamento, o que surpreendeu todo o corpo docente, que sequer imaginava tal destino como uma possibilidade. A diretora só tomou conhecimento do fato quando este já estava consumado, publicado em jornal (Prates, 1989). A Escola de Aperfeiçoamento foi incorporada ao Instituto de Educação de Minas Gerais, na qualidade de Curso de Administração Escolar. Entre as justificativas para esta mudança estava a necessidade de evitar a superposição de cursos e recursos para os mesmos objetivos, de criar unidades de ação educativa para que os esforços fossem mais rentáveis (Pimentel, 1946).

No decreto que versa sobre essas mudanças, há, inclusive, a especificação de um laboratório de psicologia para o Instituto de Educação (Decreto-lei n. 1.666, 1946), como também a prescrição da remuneração dos assistentes desse novo laboratório. Porém, é preciso esclarecer que não ocorreu simplesmente uma transposição do Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento para outro local. Em vez disso, ele foi substituído por outro laboratório, já que

Um material imenso advindo do antigo laboratório de Psicologia foi empilhado em sucessivas salas do Instituto de Educação de Minas Gerais. Ninguém mais quis tirar conclusões de precioso material de pesquisa, obtido mediante milhares de aplicações de testes em crianças, adolescentes e adultos. O que sobrou da antiga Escola criada pelo Presidente Antônio Carlos passou a ser entregue ao mofo, aos ratos ou à poeira, até o dia de um pavoroso incêndio que destruiu as salas do Instituto de Educação, consumindo os restos de uma obra de envergadura que tinha dado a Minas Gerais, durante duas décadas, a liderança da educação primária no país (D. Antipoff, 1996, p. 134).

O Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento não foi extinto somente enquanto instituição. Sua desaparecimento também se deu no nível da memória. Vivenciamos isto em todos os momentos em que procurávamos por fontes que permitissem escrever esta história. Ao organizarmos aquelas que encontramos, sentimo-nos como que diante da figura de um quebra-cabeça montado com uma pequena parcela das peças. Como uma espécie de consolo, descobrimos que apesar do incêndio, a problemática a respeito da preservação da memória parece não ser restrita ao Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento, pois mudanças políticas e administrativas, a falta de recursos financeiros e estímulo à pesquisa marcaram a história dos primeiros laboratórios de psicologia no Brasil. Alguns desapareceram sem deixar vestígios. Outros ficaram desatualizados e não foram conservados, com perda gradativa do material remanescente (Pfromm Netto, 2004).



Considerações finais

A aplicação de testes para seleção de crianças em classes homogêneas foi uma das principais demandas ao departamento de psicologia da Escola de Aperfeiçoamento. Quanto ao Laboratório que ajudava a compor esse departamento, sua participação no processo de "testagem" psicológica era constantemente reafirmada. Em geral, quando se dizia o nome "laboratório", não havia uma especificação sobre o que o constituía, tal como a encontrada no relato daquela exposição de trabalhos de 1929, em que o Laboratório foi identificado com um conjunto de aparelhos destinados a mensurações de processos motores e sensoriais. Ao que tudo indica, a divisão não se manteve, pois observamos, ao longo da história, os nomes do Laboratório e do Museu da Criança aparecendo como representantes de todo o departamento de psicologia.

Acreditamos que houve uma modificação na concepção de laboratório vigente na Escola de Aperfeiçoamento: num primeiro momento, anterior ao Decreto de 1930, o Laboratório de Psicologia era um conjunto de "instrumentos de latão". Talvez seja por esta razão que Helena Antipoff tenha concedido a autoria daquele polêmico estudo, sobre os ideais e interesses, ao Museu da Criança, uma vez que neste estudo foi utilizado um questionário e não aparelhos que tinham maior ligação com análises de física e fisiologia. Com a publicação do decreto de 1930, que valorizou trabalhos diretamente ligados à prática educacional, os testes psicológicos se destacaram como os mais adequados para esses propósitos, já que avaliavam processos mentais mais complexos, se comparados aos "instrumentos de latão".

Pensando no Laboratório em sua primeira versão, podemos perceber que vários daqueles instrumentos continuaram sendo usados como recursos didáticos. Mesmo o ensino dos processos mentais e comportamentais básicos, que requeria o uso dos "instrumentos de latão" para demonstração, tinha uma relação com os testes, já que eles diagnosticavam e selecionavam com base em tais processos. Desse modo, as alunas aprendiam sobre a constituição biológica, psicológica e social dos sujeitos, a fim de adquirirem maior clareza sobre o processo de aplicação dos testes. Para avaliar a personalidade era preciso conhecer seu processo de formação.

O Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento cumpria uma função de pesquisa, baseando-se principalmente na metodologia experimental relativa aos testes psicológicos para avaliar o sujeito em suas múltiplas dimensões. Ele cumpria uma função de ensino, servindo como ambiente catalisador da integração entre teoria e prática, ou seja, como um local onde as professoras-alunas vivenciavam situações elucidativas do desenvolvimento psicológico e da prática educacional. E também cumpria uma função instrumental na viabilização da teoria educacional de seleção de crianças em classes homogêneas. Além dessas, não podemos esquecer as diversas funções políticas que desempenhava, tanto na afirmação do campo da psicologia como ciência, e, dentro desse campo, da perspectiva escolanovista que reforçava a importância dos fundamentos psicológicos para a educação; como cavalo de batalha entre representantes da igreja católica em busca da retomada de espaço perdido no cenário educacional brasileiro; como também na projeção de uma identidade progressista do governo do estado de Minas Gerais, que se promoveu como moderno e liberal ao dar suporte ao projeto.

Tentamos oferecer algumas contribuições para aqueles que se interessam pela história da psicologia, mas estamos certos de que nosso esforço deixou pendências. Esperamos que o Laboratório de Psicologia da Escola de Aperfeiçoamento seja repensado à luz de outras perspectivas, que, certamente, produzirão novos resultados. Talvez a *presente* investigação possa fazer parte de uma *futura* apreciação crítica, como fizemos com trabalhos *passados*.



Referências

- Alkmim, H. D. (1980). O Laboratório de Dona Helena. *Boletim "Claparede"*, 3, 46-47.
- Antipoff, D. I. (1985). A pesquisa em psicologia educacional. *Boletim do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff*, 5, 65-73.
- Antipoff, D. I. (1996). *Helena Antipoff: sua vida, sua obra*. Belo Horizonte: Itatiaia.
- Antipoff, H. (1982). Helena Antipoff refere-se ao Museu da Criança. *Boletim do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff*, 2, 63-66. (Original publicado em 1930).
- Antipoff, H. (1992a). Das classes homogêneas. Em Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (Org.). *Coletânea das obras escritas de Helena Antipoff, 1: psicologia experimental* (pp. 261-264). Belo Horizonte: Imprensa Oficial. (Original publicado em 1935).
- Antipoff, H. (1992b). Ideais e interesses das crianças de Belo Horizonte. Em Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (Org.). *Coletânea das obras escritas de Helena Antipoff, 2: fundamentos da educação* (pp. 61-100). Belo Horizonte: Imprensa Oficial. (Original publicado em 1930).
- Antipoff, H. (1992c). Os direitos da criança. Em Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (Org.). *Coletânea das obras escritas de Helena Antipoff, 2: fundamentos da educação* (pp. 119-122). Belo Horizonte: Imprensa Oficial. (Original publicado em 1934).
- Campos, R. H. F. & Lourenço, E. (2001). Antipoff, Helena Wladimirna (1892-1974). Em R. H. F. Campos (Org.). *Dicionário biográfico da psicologia no Brasil* (pp. 53-58). Rio de Janeiro: Imago; Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
- Campos, R. H. F. (1989). *Conflicting interpretations of intellectual abilities among brazilian psychologists and their impact on primary schooling (1930-1960)*. Tese de Doutorado, Scholl of Education, Stanford University, Stanford, CA.
- Campos, R. H. F., Lourenço, E. & Antonini, I. G. (2002). Helena Antipoff e a psicologia no Brasil. Em R. H. F. Campos (Org.). *Helena Antipoff: textos escolhidos* (pp. 11-36). São Paulo: Casa do Psicólogo; Brasília: Conselho Federal de Psicologia.
- Carneiro, M. J. (1980). Aqui se trabalha com amor. *Boletim "Claparede"*, 3, 48-50.
- Cesar, R. (1929, 15-16 de abril). *Psychologia pedagogica*. *Minas Geraes*, 12-13.
- Decreto n. 8.987. (1929, 23 de fevereiro). Approva o regulamento da Escola de Aperfeiçoamento. *Minas Geraes*, 1.
- Decreto n. 9.653. (1930, 31 de agosto). Approva o regulamento da Escola de Aperfeiçoamento. *Minas Geraes*, 2-3.
- Decreto-lei n. 1.666. (1946, 29 de janeiro). Transforma a Escola Normal de Belo Horizonte em Instituto de Educação de Minas Gerais. *Minas Gerais*, 2-3.
- Escola de Aperfeiçoamento. (1929, 14 de março). *Minas Geraes*, 10-11.



- Exposição de trabalhos da Escola de Aperfeiçoamento. (1929a, 11 de dezembro). *Minas Geraes*, 9-10.
- Exposição de trabalhos da Escola de Aperfeiçoamento. (1929b, 12 de dezembro). *Minas Geraes*, 9-10.
- Exposição de trabalhos da Escola de Aperfeiçoamento. (1929c, 14 de dezembro). *Minas Geraes*, 15.
- Fazzi, E. H. (2005). *O laboratório de psicologia da Escola de Aperfeiçoamento de Belo Horizonte (1929-1946)*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Foucault, M. (1996). *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970* (L. F. A. Sampaio, Trad.). São Paulo: Loyola. (Original publicado em 1971).
- Foucault, M. (2001). *História da sexualidade I: a vontade de saber* (M. T. C. Albuquerque & J. A. G. Albuquerque, Trans.). Rio de Janeiro: Graal. (Original publicado em 1976).
- Guimarães, I. (1988). A Escola Ativa, preconizada por Helena Antipoff no Instituto Pestalozzi de Belo Horizonte. *Boletim do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff*, 8, 19-24.
- Guimarães, I. (1991). Planejamento e execução das obras realizadas por Helena Antipoff: painel nº 1. *Boletim do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff*, 10, 63-69.
- Lima, J. F. (1983). A Sociedade Pestalozzi de Minas Gerais. *Boletim do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff*, 3, 41-45.
- Lourenço, E. (2001a). *A psicologia da educação na obra de Helena Antipoff: uma contribuição para a historiografia da psicologia*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.
- Lourenço, E. (2001b). Helena Antipoff: uma experiência em educação inclusiva. *Boletim do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff*, 15, 47-57.
- Magalhães, I. P. (1983). Estudo das contingências que determinaram a vinda de Helena Antipoff ao Brasil: fazendo escola. *Boletim do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff*, 3, 25-28.
- Negromonte, A. A. (1930, 26 de novembro). Catholicismo e brasilidade. *O Horizonte*, 1.
- Pe. A. Negromonte. (1930, 25 de outubro). *O Horizonte*, p. 1.
- Peixoto, A. C. (1983). *Educação no Brasil anos vinte*. São Paulo: Loyola.
- Pfromm Netto, S. (2004). A psicologia no Brasil. Em M. A. M. Antunes (Org.). *História da psicologia no Brasil: primeiros ensaios* (pp. 139-175). Rio de Janeiro: EdUERJ; Brasília: Conselho Federal de Psicologia.



Pimentel, I. V. (1946, 29 de janeiro). Transformada a Escola Normal de Belo Horizonte em Instituto de Educação de Minas Gerais: a exposição de motivos apresentada ao interventor federal pelo secretário da educação e saúde pública. *Minas Gerais*, 9.

Prates, M. H. O. (1989). *A introdução oficial do movimento de escola nova no ensino público de Minas Gerais – A Escola de Aperfeiçoamento*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

Termo de contrato entre o Estado de Minas Gerais e a professora Helena Antipoff (1932). Em *Termos de contrato entre o Estado de Minas Gerais e a professora Helena Antipoff (1932 e 1949)* (documento 2). (Disponível na Caixa: A1-5, Pasta: 6, da Sala Helena Antipoff da Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG).

Tibo, A. M. (1992). A mestra Helena Antipoff. Em Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff (Org.). *Anais do I congresso brasileiro sobre a experiência antipoffiana na educação* (pp. 43-45). Belo Horizonte: CDPHA.

Ullmann, O. C. (1991). Educadores das áreas rurais: 5º painel. *Boletim do Centro de Documentação e Pesquisa Helena Antipoff*, 10, 83-88.

Velloso, E. D. (1972). Impressões e lembranças de uma aluna. *Arte & Educação*, 11, 9-15.

Nota

(1) Outras informações sobre a relação de Antipoff com a psicologia no Brasil podem ser encontradas em Campos, Lourenço e Antonini (2002); e sobre o contexto de criação da Escola de Aperfeiçoamento em Peixoto (1983) e Prates (1989).

Nota sobre os autores:

Ernani Henrique Fazzi é graduado em Psicologia e Mestre em Educação pela UFMG. Trabalha na Prefeitura de Belo Horizonte e em consultório particular. E-mail: ernanifazzi@yahoo.com.br

Bernardo Jefferson de Oliveira é doutor em Filosofia pela UFMG. É professor associado da Faculdade de Educação da UFMG e bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: bernardojefferson@uol.com.br

Sérgio Dias Cirino é doutor em Psicologia pela USP. É professor associado na Faculdade de Educação da UFMG e bolsista de produtividade do CNPq. E-mail: sergiocirino99@yahoo.com

Data de recebimento: 12/02/2010
Data de aceite: 17/03/2011